

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 24000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NÚMERO 37.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 20 DE OUTUBRO DE 1872.

Eis o primeiro numero do ultimo trimestre do primeiro anno do periodico que o leitor tem entre as mãos.

Tem sido ardua a nossa tarefa durante essa curta quadra de sua debil existencia; em luta com os sacrificios, sugeridos pela má vontade de quem o devia proteger, tivemos a satisfação de vel-o erguer-se vencedor, zombando da adversidade e dos pessimistas. Agora, depois de resistir á má sorte que o aguardava, como sempre aguarda aos seus collegas de officio, penalisaar-nos-hia a sua queda; essa fatalidade seria para nós como a perda de um filho morto quando começava a baltaciar-nos o nome, a cercar-nos com suas pueris caricias e a captivar-nos com os seus encantadores sorrisos de criança.

Para não soffreremos semelhante desgosto, é preciso tornal-o mais variado e menos insipido; para fazel-o, não nos bastam as assignaturas que até hoje o tem ajudado na sua espinhosa perigrinação: é esse o motivo que obriga o seu editor—proprietario a distribuir circulares á diversas pessoas gratas e de reconhecido amor ás letras, pedindo-lhe protecção. Este moço não vicia á lucros pecuniarez: não faz mistér de vida do *Domingo*: o que seria delle, se assim acontecesse? Morreria á fome. Ama a litteratura, o seu berço natal, os seus patricios, e não quer que se sinta na ARGEMAS BRASILEIRA a lacuna de um jornal litterario.

Portanto, protegei o *Domingo*. Não devolvei-o ao editor, para que elle possa, ajudado por vós, prestar um serviço ás letras patrias e manifestar com mais ardor a briosa inclinação da mocidade maranhense.

AVENTURAS DE UM PASSAGEIRO DE BONDS.

Anselmo não perde occasião de mostrar ao respeitavel publico a calça estreita de casemira clara, o *frak* de panno azul, o collarinho de papel, o peito da mesma fazenda, guarnecido de botões

de *plaké*, sobre que descanga uma especie de *bandeira americana*, que se diz gravata, no centro da qual uma mãozinha de ouro agarra um *pingo d'agua*; o chapéu de seda de abas largas, comprado ao Blum, pagavel no fim de um mez que está sempre á vir e que nunca chega; a luneta de prata dourada e vidraça enfumaçada, pendente de um trancelim de seda, bordado a capricho pelas mãos de uma namorada *ad valorem*; a corrente de prata dourada, preta com linha á uma moeda de dous vintens, que serve de relógio... parado; a chupeta kilotada, na qual introduz aos domingos charutes de *ver a Deus* comprados ao José Alves; a beogafinha flexivel, o sapatinho raso, *etc.*, e etc.

1872

entrar nos *bonds*, economia estúpida; demais a mais o nosso heróe é progressista, abraça a causa da civilização, é contra o *pari de sebo*, o *bumba meu boi*; porem gosta dos *bonds*, do *Domingo*, das obras do quartel e teve vontade de mandar plantar batatas ao Sr. Ennes, quando este lembrou-se de banhar o *Paiz* com lagrimas de saudade pelas arvores *seculares*, onde os namorados, sem medo da sentinella do portão, davam-se a amorozas entrevistas.

—«Se o Ennes não fosse um moço intelligente, dizia elle, cahiria no desgredo de muitos com a publicação deste *epicedio*.»

No domingo passado estava a cidade em movimento: o povo dirigia-se aos Remedios, a musica troava no largo, os *bonds*, no *vai-vem*, conduziam milhares de passageiros á festa. Era tudo animação!

Anselmo, ás 5 horas da tarde, faz aquelle *toilette* que descrevi aos leitores, deita 5\$000 n'al-gibeira e dirige-se, da rua de Sant'Anna, onde mora, ao largo dos Remedios.

Na praça da Alegria lembrou-se dos *bonds*; e voltou ao largo do Carmo: vio o povo, com quem se resignara a esperar e desanimou completamente.

Pobre Anselmo!

Mutilado

Depois de um quarto de hora de espera, motivada não sei porque *motivos*, um grito geral se faz ouvir:—*Alá vem os bonds!*—Atropellos, pisadellas, carreiras, empurrões, machucões, convulsões e apertões!... Os *bonds* vêm cheios pela amadade; Anselmo, menos ligeiro que os mais, não consegue nunca sentar-se; na pressa, machuca um dedo ao virarem o recosto ferreo dos assentos e deixa cair dos queixos a pouteira, que se despedaça aos pés dos que, como ella, cercavam, pulavam e praguejavam.

Partem os *bonds*: o nosso heróe sentara-se visivelmente contrariado não n'algum delles, porém á porta da pharmacia do Ferreira.

Um outro quarto de hora depois, já cheios os *bonds*, Anselmo trepa á um estribo de um delles e jura aos seus deozes não se tirar d'ali.

Vem o Sr. Masuli.

—São, são, *Signor*... Não pôde, não pôde... são, *signor*...

—Estou á gosto, responde Anselmo.

—Agosto? eu *dise*... são... *parrebida*...

E agarrando Anselmo pelo braço, o Sr. Masuli obriga-o a descer da plataforma.

Pobre Anst...

Depois...

Depois de um quarto de hora de espera, consegue sentar-se no primeiro banco, a 1/2 do bolheiro, pois resolvera ataca-lo á rua grande, perto da casa do Sr. Vigier.

O *bond* era, de mais á mais, o ultimo da fila: partem os primeiros e o bolheiro debalde fustiga os animaes. O bolheiro ergo o Jorge, o antigo cocheiro do Ferreira, que para aqui veio empregado na companhia gymnastica do Loande.

—«Ho! Ah! gritava o Jorge naquelle estylo rude, e só comprehendido por burros. E a immensa taca fazia s. s. no ar. Tudo debalde.

O cotovello do Jorge bate no queixo de Anselmo, o moço tudo tolera pelo contentamento que experimenta, por ter conseguido sentar-se.

Parte o carro: já se não avistava os mais. Chegados á curva da rua do Passeio, aponta um *bond* no largo do Quartel. Mudança de burros, e volta.

Lá foram para o tormentoso *desvio* o nosso heróe e os seus infelizes companheiros de viagem.

O outro *bond* desencarrilha; quebra-se... leva o diabo: um burro deita sangue pela bocca, os passageiros cahem, as senhoras gritam, etc. etc.

Era a hora do crepusculo, quando conseguindo, a força humana, desempatar o trilho, levando para diferentes polos os *fragmentos* daquela

viagem, isto é, burros para a estação do Caminho Grande e carro para a do largo do Palacio, começaram os *bondeiros* a levar o nosso Anselmo e os seus companheiros ao *porto* do seu destino—não sem novos infortunios, pois inda teve de voltar uma vez ao ingrato *desvio*, desencarrilhou ainda na curva, pelo que teve de *mudar burros*, o que levou *algum* tempo; chegando aos Remedios, diz-go—á rua dos Remedios, ás 9 1/2 da noite, onde —enfatiado do *bonds*, Anselmo, querendo descer antes que o carro estivesse completamente parado, levou um immenso trambulhão no *Tivoly*, quebrando um braço e a bengala, machucando o chapu do Blum e mostrando ás pessoas presentes, que o encaravam com gargalhadas de escarneo, a moeda de dois vintens pendente da corrente de prata doarada.

Levantaram-n'o e metteram-n'o em um carro de aluguel: chegado que foi á casa, reconheceu ainda que algum gaisto, que provavelmente se sentira a sua retaguarda, roubara-lhe os charutos de *cer a Deoz* e o lenço perfumado de *frange-pani*, que havia guardado no bolso traseiro do *frak* azul, manchado pela poeira.

Jurou aos seus deozes nunca mais embarcar em *bonds*, se algum dia tiver filhos, castigar-lhe qualquer asneira obrigando-os a metter-se nelles —e fez uma pequena conta, em que manifesta o preço porque lhe sahio o tal passeio:

Bilhetes	400
Charutos, lenço e perfume.....	900
Bengala.....	25000
Concerto do chapu.....	15000
Medico e botica.....	35200
Chupeta.....	55000
Meio charuto que estava na chupeta	30
Para passar o <i>frak</i> a ferro.....	25000

Rs. 145330

Quatorze mil quinhentos e trinta reis... Que tal?...

Pobre Anselmo!

Bêe-encor.

BIBLIOGRAPHIA.

(Vem do n. 36.)

—*Lembras-te?*—são bonitas sextilhas e a—*Carta a um amigo de Pernambuco*, em estylo humorístico, é digna de apreciação.

Segue-se um lindo—*Fragmento*—e tres decimas destrihoidas no theatro S. Luiz, por occasião do anniversario do rei de Portugal.

A—*Conta corrente*—parece-me um trabalho

Mutilado

algun tanto precipitado e travesso; segue-se um
—*Soneto*—, que deve ser transcripto para que se
aprecie a naturalidade do autor:

SONETO.

Pobre musa! que série de revêzes,
Que máo fado é este teu, mesquinho,
Que a miúdo te afasta do caminho
Por onde—ousada—querés seguir ás vezes?

Estás hoje inspirada?—olha os freguezos
Perguntando por—linhas de carrinho;
Dize a este se tens—rendas de linho;
Olha aquelle, que quer—chaes francezes!

Deixa os versos de parte, e váo depressa
Debitar os bonecos que vendêste
A' preta Zeferina—antes q' esqueça!

Vê lá se tens cadarço igual a este,
Que o freguez ó bem hom... quer *meia peça!*
—Os diabos te levem, forte peste!

Seguem-se algumas maviosas quadras e—*Na primeira pagina d'um album*—oitavas naquelle
estyllo de Novaes, que tanto agrada ao leitor ale-
gre.

Ahí vem tacteanão em trevas eternas—*O Cego*—
—ajudado pela

..... criancinha
Que o leva pela mão.

O—*Cego*—, é uma poesia terna e bem metri-
ficada.

Segue-se uma tradução e uma parodia da—
Campa e a Rosa—de V. Hugo.

A primeira está fiel e suave, a segunda enge-
nhosa e... burlesca.

Segue-se—*Bem hajaz*—e—*Os deus callistas*—
que merece as honras de uma transcrição.

OS DEUS CALLISTAS.

Um desses fôfos janotas
Que andam sempre em quebradeira,
Soffrendo os callos das botas
E causando os da algibeira,
Um dia se dirigiu
Ao grande Schlosser, doutor,
Que seis callos li' extrahiu
Sem cortar nem causar dôr.

—Quanto devo?—e d'algibeira,
Como quem pagar queria,
Tirou a linda carteira

(Completamente vasia...)

—Nada.—Como?... pois se néga?

—Sim, diz-lhe o sabio doutor;

Quando eu opéra um collega,

Não leva nada, senhor!—

Fecho hoje o meu artigo, recommendando
mais:—*Soneto*—*A' inauguração do II. Portu-
guez*—*Impossivel*—*No verso de um retrato*—e
—*A' um nariz*—.

Aguarda-me—*O Condemnado*—

A. Azevedo.

* * *

Adens, ó bella Dália,
sé socegada e tranquilla,
—não mais te direi—amor,
hoje o pulso que vacilla,
o bastil que se amolella,
recobrou todo o vigor...!

Se esse amor que te offerto
é para ti vago e inverio
como os echos no dezerto,
como os ais na solidão,
E o o peito meu aberto
a que vejas—de perto—
o teu despreso coberto
da chingaz a—coração!

).

A.

Ella.

Mulher celeste, ah! anjo de primores!
Quem pode ver-te sem querer amoz-te,
Quem pode amar-te sem morrer de amores?
Suaes. Monteiro.

As lindas formas do teu talhe esvelto,
O ar alivo do teu porte afroso,
Resume, encantos de expressão sublime,
Que a alma elevão inchriando-a em goso.

Se nos seus labios meigo risomozoma,
Trajando as galas d'affeição mais pura,
Seu rosto expande-se com celeste graça,
Cede a belleza á divina feitura.

O seu mimoso alabastrino collo
E' da natura a perfeição mais rara,
Amor, candura em fraternal amplexo
Alção em seu peito da virtude a ar.

Quem co' a magia de sua voz sonora,
Doce e meliflua qual canção divina,
Não sente a mente se arroubar no extasis
Onde a pureza do amor domina?!

São suas faces purpurinas, bellas
Qual rubra rosa ao despontar d'aurora
A briza as flores namorada briza
Minh'alma a Ella fascinada adora.

Maranhão, 13 de outubro de 1872.

M. Marques.

A ROSA.

Já fui rosa, e rosa linda,
Já fui uma bella flor,
Hoje, coitada, — tão murcha
Tenho perdido o odor.

E' mai bello neste mundo
Viver-se como eu vivi!
Recebendo ternos beijos
Como—aberta—recebi.

Alfaveis orendas de outr'ora,
Quem vos poderá gosar?
Já desfractei taes delicias,
Mas hoje vivo a pensar.

Nunca eu vi cá na terra
Amores sempre fiéis;
No exordio, — que doçuras!
Para o fim, — paixões cruéis!

1868.

Opuscula.

SONETO.

A...

Eu não nego, senhora, amei-vos muito...
só disso me lembrar—parece um erin.
mas esse affecto mystico e sublime
se vivo estava então, já está defunto.

A's vezes ao passado inda eu pergunto—
—(é muito que a contar—isto me anime),
como logo partio-se como o vimo
do estro débil e amoroso assumpto?

Vós fostes mais volúvel que o dinheiro!
Ha vezes nesta vida em que se sonha
o sonho mais fingido e o mais bregueiro.

Defronte de meus olhos venha e ponha
o espelho do passado, que primeiro
cubro o rosto co' as mãos só de vergonha...

A. A.

CHRONICA.

Se não fosse a festa de N. S. dos Remedios, que tragicamente acabou na segunda-feira, o que seria da *Chronica*?

Tinhamos conversado...

Pomposamente annunciada a festa, esperava vêr cousas nunca vistas; enganei-me, porém: o que ali vi, já tinha apreciado nos annos anteriores: a festa dos Remedios é mais invariavel que qualquer filho de Albion ao encasquetar-se-lhe qualquer cousa na cabeça.

Fui a Igreja: o luxo correspondia ao do anno passado e a musica era a mesma.

No largo o palanque annual do Sr. Joaquim

Marques Rodrigues, o pau de sebo, ante o qual o estrangeiro pára boquiaberto e o maranhense envergonhado, o alpendre, onde o classico *João das Moedas* troca medidas e registros; o leilão, onde já se não vê o celebre *Joaquim da Custodia* desempenhar o mistér de pregoeiro; as barracas, onde, para salvo da descripção que dellas fez o *colleguinha* Domingos, já um novo *Obelo* desempenhou a tragica scena do assassinato de uma *Desdemona* infida; (refiro-me ao assassinato do *Chico Sabino*, na pessoa da infeliz tia *Chica*, por crimes do *Chico Preto*); os corétoes, que desta vez variaram não sei porque cascas d'albos; o *restaurant* do *Porto*, onde dous jovens mediram forças e onde se vendiam sorvetes, não sei se preparados na sorveteira do capitão do *Cedral*; as *trampolitanas*, onde os Srs. *Germano* e *Araujo* debalde diziam como Jesus Christo: *Venham á mim as criancinhas*, e o fogo de—Bengala—, que nem de *chapeu de sol* me pareceu. Que insulto ao *Camões* e ao *Areias*!!!... Pois é preciso ir a Paris p'ra ver aquillo, homem?

No dia da festa, que animação! que fogo! que influencia!...

O 5.º batalhão, disciplinado e completamente metamorphosado depois que tomou conta do commando o Illm. Sr. tenente-coronel *Enéas*, mostrou algumas manobras no largo, ás 8 horas da manhã: no meio dellas, a distribuição das medalhas aos soldados, fez me lembrar *Napoteão* e os seus—naquelle celebre batalha da *Crímêa*.

Termo esta chronica, dando os parabens ao autor da quadra que se lêu por baixo da Effigie da *Virgem*—no castello de fogo... de *Bengala*, pelo bem *atinhacado* della.

Estas cousas transcrevem-se:

O' Virgem Santa dos Remedios
Protectora do Commercio e Navegação
Mãe de todos os flus,
Que tem sua devoção.

Inaugurou-se hontem a *Bibliotheca Popular Maranhense*, creada por dous distinctos contemporaneos, á quem devemos agora tão util e civilizador adiantamento.

EXPERIENTE.

A redacção do «*Domingo*» agradece á da «*Verdade*», de Pernambuco, á do «*Futuro*» do Ceará e á do «*Santo Officio*» do Pará, a remessa de seus jornaes.

Retribue-lhes.

Eloy, o herde.

Maranhão—Typ. do PAIZ—Impressor M. F. V. Pires.

Mutilado